

> O crânio-celebridade: Antônio Conselheiro e o fracasso da degeneração racial

> The infamous skull:
Antônio Conselheiro and the failure of racial degeneration

por **Isabela Fraga**

Doutoranda em Estudos Hispânicos e Luso-Brasileiros, Departamento de Línguas e Literaturas Românicas, Universidade de Chicago (EUA). E-mail: fraga@uchicago.edu. ORCID: 0000-0003-3457-6115.

Resumo

Este ensaio examina a sobrevida textual de uma cabeça — a de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro (1830-1897), a partir de sua morte na Guerra de Canudos (1896-1897). Traçam-se as figurações do crânio de Conselheiro na imprensa brasileira do fim do século XIX e nos trabalhos do médico legista Raimundo Nina Rodrigues e do engenheiro e escritor Euclides da Cunha. Embora ambos esperassem que o crânio de Conselheiro apresentasse evidências físicas de *degeneração racial*, as observações craniométricas de Nina Rodrigues revelaram um crânio *normal*. Argumenta-se que esse fracasso da aproximação materialista à psique humana deu proeminência a explicações sociológicas para o fenômeno de Canudos, além de levantar questões sobre visibilidade, raça e racismo científico na virada do século XX e no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Raça. Psiquiatria. Guerra de Canudos. Antropologia criminal.

Abstract

This essay examines the textual afterlife of a head—that of Antônio Vicente Mendes Maciel (Antônio Conselheiro [1830-1897]), after his death in the Canudos War (1896-1897). It traces figurations of Conselheiro's skull in the late nineteenth-century Brazilian press and in the works of Raimundo Nina Rodrigues and Euclides da Cunha. Although these two social scientists expected Conselheiro's skull to display physical evidence of *racial degeneration*, Nina Rodrigues's craniometric measurements and observations revealed a perfectly *normal* skull. It is argued that this failure of a materialist approach to the human psyche allowed a stronger reliance on sociological explanations for the Canudos phenomenon that opens up questions on scientific racism and the visibility of race in the turn of the twentieth century and in contemporary times.

Keywords: Race. Psychiatry. Canudos War. Criminal Anthropology.

> Artigo recebido em 09.04.2021 e aceito em 10.05.2021.

Comme la pierre philosophale des alchimistes du moyen âge, ce petit nombre de caractères [qui établissent le degré de supériorité ou d'infériorité des diverses races humaines] semblent toujours se laisser découvrir; mais quand les savants anthropologistes croient y mettre la main, un génie malfaisant les nargue et les abandonne morfondus devant les crânes grimaçants et les instruments qui luisent entre leur doigts, sans leur offrir jamais cette lumière après laquelle ils aspirent.

Anténor Firmin, 1885

1. A cabeça

Euclides da Cunha encerra *Os sertões* (1902) em um anticlímax. Não há batalha final, desfecho heroico ou ato grandioso que arremate seu relato da Guerra de Canudos. “Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos”, afirma Cunha em tom melancólico.¹ De agosto a outubro de 1897, a convite do jornal *Estado de S. Paulo*, o engenheiro fluminense acompanhara a quarta e última expedição militar do governo brasileiro à cidade de Canudos, fundada no interior da Bahia pelo líder messiânico Antônio Vicente Mendes Maciel — o Conselheiro — e por seu imenso séquito de até 25 mil pessoas.² Após três expedições fracassadas nos meses anteriores, nas quais os sertanejos afugentaram cerca de cinco mil soldados, a quarta expedição liderada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães destruiu Canudos aos poucos, sem capitulação dos que ainda resistiam às repetidas investidas militares.

Para além do lamento de Cunha, há nas páginas finais d’*Os sertões* um gesto para o futuro do país que ele tentava compreender a partir da então chamada *questão racial*. Após inaugurar sua obra máxima com um tratado sobre as características físicas e geológicas do sertão brasileiro (“Parte I: A terra”), Cunha termina o livro com uma observação minuciosa do que seria o “representante natural do meio em que nasceu”³: o cadáver de Antônio

¹ Euclides da Cunha, *Os sertões*, 2002, p. 778-779.

² Não há unanimidade entre fontes a respeito da quantidade de habitantes de Canudos. Entre as diversas estimativas, diz-se que havia entre 10 e 25 mil pessoas no séquito de Conselheiro.

³ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 256.

Conselheiro. Se, por um lado, o corpo sem vida de Antônio Maciel provava a vitória da recém-proclamada República sobre os “jagunços monarquistas”, por outro, era “um documento raro do atavismo”⁴ que dominava as populações sertanejas, fruto da miscigenação racial.

Mais interessado na questão racial do que na narrativa militar, Cunha vê no corpo de Antônio Conselheiro a chave interpretativa daquele fenômeno religioso que havia mobilizado o país — ou, como ele mesmo define, da “psicose coletiva” que afligia os sertanejos em Canudos.⁵ Conselheiro não havia sido morto pelas forças militares, que o encontraram já em estado inicial de decomposição.

Antes, no amanhecer daquele dia, a comissão adrede escolhida descobrira o cadáver de Antônio Conselheiro. Jazia num dos casebres anexos à latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam desprazido algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha, de tábuas, o corpo do “famigerado e bárbaro” agitador. Estava hediondo. Envolto no velho hábito azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefacto e esqualido, olhos fundos cheios de terra — mal o reconheceram os que mais de perto o haviam tratado durante a vida.⁶

A atenção de Cunha ao rosto grotesco de Conselheiro é compartilhada por todos os presentes. O fotógrafo expedicionário Flávio de Barros tira um retrato do cadáver e a comissão fabrica uma ata confirmando a identidade de Antônio Maciel, pois “importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal, extinto aquele terribilíssimo antagonista”⁷. Mas nem a fotografia e nem a identificação oficial se mostram suficientes para a comissão militar, que decide então guardar a cabeça de Conselheiro. Separada do corpo putrefato que seria devolvido à cova e prontamente esquecido, a cabeça cortada transforma-se em *face*.

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita — e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores...⁸

⁴ *Ibidem*, p. 256.

⁵ *Ibidem*, p. 298.

⁶ *Ibidem*, p. 779.

⁷ *Ibidem*, p. 780.

⁸ *Ibidem*, p. 780.

Enquanto *rosto e face*, a cabeça de Antônio Conselheiro é atravessada por adjetivos que inspiram horror: tumefacta, esquálida, horrenda. À descrição quase ecfástica, dramática e subjetiva de Cunha se contrapõe a única fotografia existente do cadáver, aquela tirada por Flávio de Barros logo após a exumação do corpo (Figura 1). Há uma dissociação clara entre os dois enunciados, texto e fotografia. Na fotografia em preto e branco, o rosto do profeta aparece quase totalmente coberto pela espessa barba e longos cabelos, sem escaras ou sânie visíveis. Como primeiros registros oficiais de uma guerra⁹ e comissionadas pelo Exército brasileiro, as fotografias de Barros circularam com alarde e sensacionalismo pela capital do país. Era a primeira vez que o público carioca, que havia consumido com voracidade a cobertura diária da guerra na imprensa local, veria retratos dos soldados, de Conselheiro, dos sertanejos, do próprio sertão.¹⁰ “Curiosidade! Assombro!! Horror!!! Miséria!!!!”, anunciava a *Gazeta de Notícias* em 2 de fevereiro de 1898 sobre a projeção elétrica das fotos de Barros, que aconteceria naquele mesmo dia. “Apresenta-se o verdadeiro e fiel retrato do fanático Conselheiro”, acrescentava o anúncio, atizando a curiosidade do público. Não se tratavam de fotografias humanitárias — como seriam aquelas tiradas por Sir Roger Casement de indígenas na região amazônica de Putumayo em 1910, que seriam tratadas como evidência para as torturas infligidas pela Companhia Amazônica Peruana — mas de puro espetáculo.¹¹ Na fotografia, Conselheiro não é vítima do massacre de Canudos, mas evidência da vitória republicana. A República significava modernidade, assim como a própria exibição fotográfica — uma *projeção elétrica*, como enfatiza o anúncio —, contrapondo-se ao objeto fotografado: pré-moderno, *monarquista*, atávico. Cunha, por outro lado, chegara ao final d’*Os sertões* convencido de que a guerra fora um crime, um “atentado”¹² contra os sertanejos. Se não se pode dizer que sua descrição dramática e adjetivada redime a figura de Antônio Conselheiro, é certo que ela é fruto do olhar

⁹ Durante a guerra de Canudos também foi a primeira vez em que se utilizaram raios X para tratar feridos por projéteis. O médico Alfredo Brito e seus estudantes, na Faculdade de Medicina da Bahia, tiraram diversos raios X de soldados feridos para encontrar a localização precisa das balas. Ediana Barp, *A introdução da radiologia na Bahia*, 2006, p. 28-33.

¹⁰ Natalia Brizuela, “Curiosity! Wonder!! Horror!!! Misery!!!!” The Campanha de Canudos, or the Photography of History”, 2005, p. 142.

¹¹ Carolina Sá-Carvalho, “How to See a Scar: Humanitarianism and Colonial Iconography in the Putumayo Rubber Boom”, 2018, p. 374.

¹² Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 735.

desolado e mórbido do autor ao testemunhar parte do massacre, o desaparecimento dos prisioneiros e “mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos”.¹³ Cunha e Barros operam regimes distintos de visualidade que, embora relacionados aos seus meios narrativos específicos (escrita e fotografia), diferenciam-se sobretudo por seus modos de ver.¹⁴ Poderíamos dizer que a fotografia de Barros rejeita o relato de Cunha, ou que a descrição de Cunha torna visível o que a fotografia de Barros sublima. Como enunciados, texto e fotografia se contradizem mais do que se complementam.



Figura 1

Flávio de Barros, *Cadáver de Antônio Conselheiro encontrado sob as ruínas da Igreja Nova*, 1897.

Contudo, para o major doutor Miranda Curio, chefe sanitário da expedição militar, o que importava não era a face, e sim o que ela ocultava. Dentro da cabeça

¹³ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 779.

¹⁴ Sobre modos de ver e a emergência da fotografia no século XIX, ver Jonathan Crary, *Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the Nineteenth Century*, 1990.

“tantas vezes maldita” de Conselheiro poderia haver respostas para as perguntas que circulavam em periódicos, ruas e rumores Brasil afora. O que levou milhares de pessoas a seguirem um líder messiânico sertão adentro, abandonando suas vidas e vendendo todos os seus pertences? Quais seriam as causas da resiliência daquele povoado que, para a surpresa de todos, venceu três expedições militares enviadas pelo governo? Quem, afinal, era Antônio Maciel? Dentro da cabeça de Conselheiro residiria a esperança para compreender o Brasil a partir das lentes da craniometria:

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura...¹⁵

O movimento de fora para dentro que organiza *Os sertões* (“A Terra”, “O homem”, “A luta”, do meio ao indivíduo) repete-se em versão condensada no trecho final da obra. Nosso olhar desloca-se da *cabeça* para o *rosto*, para a *face* e então para o *crânio*, como se Cunha estivesse *abrindo* textualmente a cabeça de Conselheiro. Esta emerge quando ainda está conectada ao corpo, mas tem potencial de desprendimento (“Pensara, porém, depois, em guardar a sua *cabeça* tantas vezes maldita”); então a decapitação enfim revela “a *face* horrenda, empastada de escaras e de sânie.” A própria morte de Antônio Maciel, visível aqui no processo de putrefação que se iniciava, começa a corroer a pele, deixando entrever camadas de tecido muscular.

Finalmente, o texto nos introduz ao crânio, que apresenta “circunvoluções expressivas” onde se poderiam encontrar “as linhas essenciais do crime e da loucura”. À medida que avança cabeça adentro, Cunha também abandona a adjetivação pejorativa que utilizara ao descrever o corpo e a cabeça do líder de Canudos — hediondo, maldita, horrenda, coberta de escaras. O crânio, desadjetivado, não abre margem para reações passionais, sejam de horror ou de júbilo. Ele é estéril, objetivo, assim como a ciência craniométrica que diria a última palavra ao analisá-lo.

¹⁵ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 780.

Da cabeça simbólica (maldita) ao crânio que, literal e metonimicamente, representa o crime e a loucura. Tal movimento — que vai do ambiente à psique e retorna ao mundo exterior — permeia a obra de Euclides como um todo, como afirma Leopoldo Bernucci: “Euclides consegue fazer [com] que a topografia caótica de Canudos se espelhe na topografia psíquica do Conselheiro”¹⁶. Trata-se da mente de um único homem utilizada como metonímia para toda a sociedade sertaneja e, por consequência, brasileira: “A sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja. Esclarece o conceito etiológico da doença que o vitimou”¹⁷, define Cunha.

Se a história de vida de Antônio Maciel poderia esclarecer a patologia de que ele supostamente sofria, como veremos mais adiante, seu crânio exporia as provas materiais daquele que era um “documento raro do atavismo”:

Espécie de grande homem pelo avesso, Antônio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade. Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele. Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, como vimos, o absurdo de ser útil. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e jugulado por ela espelhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável¹⁸.

Cunha não foi o único a manifestar a esperança de que o crânio de Conselheiro contivesse a explicação para o fenômeno religioso, social e político de Canudos. Além de mobilizar todo o aparato militar da recém-proclamada República, Antônio Maciel e seus seguidores instigaram a medicina e as emergentes ciências sociais brasileiras, que se debruçaram sobre o caso para tentar explicá-lo. Pelos jornais e periódicos da época, especulava-se sobre a biografia de Antônio Maciel; sobre a causa de sua morte (tétano, disenteria ou asfixia?); sobre o destino da cabeça decepada, e o que esta teria de dizer à ciência. Os jornais *O Paiz* e *Minas Geraes* relataram que a cabeça de Conselheiro estava conservada em álcool.¹⁹ Outros, como *A República*, do Ceará, disseram que o

¹⁶ Leopoldo Bernucci, “Prefácio”, 2002, p. 23.

¹⁷ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 257.

¹⁸ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 284.

¹⁹ *O Paiz* (Rio de Janeiro), 12 de outubro de 1897, p. 2; *Minas Geraes* (Ouro Preto), 29 de outubro de 1897, p. 4.

major doutor Miranda Curio conservava-a em cal.²⁰ Preservada como fosse, o fato é que a cabeça de Antônio Maciel passaria das sombras do atavismo — o sertão, segundo Cunha — para a luz da ciência moderna — o litoral. Nesse movimento da escuridão à luz, o crânio se tornaria célebre. O periódico *República* do Rio Grande do Norte, por exemplo, corroborava o pedido de “alguns amigos” para que o crânio de Conselheiro fosse transportado ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, pois “o estudo do craneo de Antônio Maciel oferece particularidades dignas de serem assinaladas cientificamente”²¹.

Era tal o potencial gerado pela cabeça decepada no imaginário da imprensa que alguns jornalistas recorreram à ficção para desvendá-lo. Em uma crônica para o jornal carioca *Gazeta de Notícias*, um autor anônimo combina craniometria e espiritismo — dois discursos em voga entre os círculos letrados cariocas — ao invocar o espírito de Paul Broca, médico criminalista francês e um dos maiores proponentes da antropometria e craniometria. Mobilizando o léxico kardecista, o cronista pede a um amigo médium para entrar em contato com o espírito de Broca a fim de que este realizasse, enfim, o exame do crânio de Antônio Maciel. Após onze longos minutos, o médium põe-se a escrever em “letrinha miúda e cerrada” o que Broca lhe conta do outro plano. Broca relata estar “no arraial de Canudos”, onde há tantos cadáveres empilhados que os corvos “estão fartos. Alguns já morreram de indigestão...” Ao encontrar o corpo de Conselheiro, o ávido espírito imediatamente o decepa: “Que peso! Que peso!” Em seu exame, Broca identifica no crânio ficcional as características psicológicas de Antônio Maciel. A “circunvolução da palavra”, por exemplo, é enorme, pois Conselheiro falava “com poder de convicção”, seduzindo a todos que o ouviam. Já a localização da “palavra escrita” é vazia, pois Conselheiro era analfabeto. A “localização da crença”, por sua vez, era “esquisita, fantástica, irregular”, já que Antônio Maciel “tinha uma crença ao seu modo, o profeta!” Nessa sátira talvez involuntária da craniometria, portanto, o espírito de Broca não traz quaisquer novidades, apenas

²⁰ *A República* (Fortaleza), 6 de novembro de 1897, s. p.

²¹ *A República* (Natal), 28 de outubro de 1897, p. 2. Fazia sentido enviar o crânio ao Museu Nacional, onde cientistas como Ladislau Netto e João Batista de Lacerda realizavam análises craniométricas no setor de antropologia biológica da instituição. Ver Guilherme José da Silva e Sá *et al.*, “Crânios, corpos e medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX”, 2008.

reitera as concepções que a imprensa e os rumores faziam circular sobre Conselheiro.²²

2. O crânio

Ao fim e ao cabo, contudo, a cabeça decepada de Conselheiro não confirmaria o que esperavam os cientistas. Tampouco seria enviada ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, ou examinada pelo espírito de Paul Broca. A tarefa caberia ao médico legista Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), professor da Escola de Medicina da Bahia. Um dos principais proponentes no Brasil da antropologia criminal e da craniometria, Nina Rodrigues já havia se dedicado a analisar outros fenômenos do que então se denominava *loucura coletiva*, como a abasia coreiforme na Bahia.²³ Mesmo o próprio Antônio Conselheiro já havia sido seu objeto de investigação, ainda que a distância.

Poucos meses antes do fim da guerra, quando Canudos ainda resistia às investidas militares, Nina Rodrigues escrevera um ensaio sobre “A loucura epidêmica de Canudos,” publicado em novembro daquele ano na *Revista Brasileira*.²⁴ Consciente de escrever enquanto o fenômeno que se propunha a examinar ainda transcorria, Nina Rodrigues abriu o ensaio propondo uma distinção entre o conhecimento histórico e o médico-científico. Se o historiador teria que esperar o fim da guerra para compreender “a narração fiel dos sucessos de Canudos”, tal demora não seria necessária para investigar as condições que possibilitaram aquele fenômeno, ou seja, “a estratificação social e étnica em que a loucura de Antônio Maciel cavou os fundos alicerces do seu poderio material e espiritual quase indestrutível”.²⁵ Em princípio objetiva, essa diferenciação epistemológica confere privilégio ao conhecimento científico em detrimento da narrativa histórica. Como médico, Nina Rodrigues não precisaria restringir-se ao

²² *Gazeta de Notícias*, 10 de outubro de 1897, p. 1.

²³ Raimundo Nina Rodrigues, “A abasia coreiforme epidêmica no Norte do Brasil”, 2006c, p. 41.

²⁴ Raimundo Nina Rodrigues, “A loucura epidêmica de Canudos,” 2006a, p. 25. É importante aqui sublinhar que esse estudo de Nina Rodrigues precedeu a escrita de *Os sertões*.

²⁵ *Ibidem*, p. 41-42.

mero curso dos acontecimentos; poderia desde já examinar a questão da *loucura epidêmica* a partir da composição racial da população brasileira.

Neste artigo, Nina Rodrigues determina que Antônio Maciel é “um simples louco”²⁶, mas que sua loucura “registra com precisão instrumental o reflexo, senão de uma época, pelo menos do meio em que elas se geraram”²⁷. Ao conectar o homem ao meio, Nina Rodrigues faz um movimento similar ao de Euclides da Cunha em *Os sertões*, cujas primeira e segunda partes — “A terra” e “O homem” — são uma tentativa de “esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”²⁸. Os paralelos entre *Os sertões* e “A loucura epidêmica de Canudos” não são meros acidentes. Como explica Leopoldo Bernucci, é certo que Cunha leu o artigo de Nina Rodrigues, chegando inclusive a parafrazeá-lo.²⁹ Em última análise, Nina Rodrigues propõe que “a nota étnica” dos sertanejos abrigava “todas as condições para uma constituição epidêmica de loucura”³⁰. Qual seria essa nota étnica? Aí está um ponto central para Nina Rodrigues — e para Cunha — não só em sua análise da loucura de Antônio Conselheiro, mas em seu projeto intelectual como um todo.

Como Euclides da Cunha, Silvio Romero e outros intelectuais do hoje chamado racismo científico, Nina Rodrigues explicava o Brasil enquanto nação a partir da mistura de três principais *grupos antropológicos*: negros, índios e brancos. A denominação *grupo antropológico* é importante pois significa, no argumento evolucionista de Nina Rodrigues, que esses grupos eram biologicamente distintos e ocupavam posições diferentes na linha do progresso civilizatório.³¹ Em última análise, Nina Rodrigues defendia a existência

²⁶ Os diagnósticos específicos que Nina Rodrigues atribui a Conselheiro — delírio crônico, psicose sistemática progressiva e paranoia primária — requerem, segundo Rodrigues, apenas um exame da história de Conselheiro. Ainda sem acesso ao crânio de Antônio, Rodrigues realiza uma anamnese indireta, a partir de fontes secundárias sobre a vida do líder religioso de Canudos. Como veremos a seguir, a análise do crânio confirmaria essas ideias — o que, na prática, não aconteceu. *Ibidem*, p. 42.

²⁷ *Ibidem*, p. 42.

²⁸ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 65.

²⁹ Leopoldo Bernucci, nota n. 66 em Euclides da Cunha, *Os sertões*, 2006, p. 200.

³⁰ Nina Rodrigues, *Op. Cit.*, 2006a, p. 49.

³¹ No fim do século XIX, o termo antropologia referia-se mais comumente ao domínio biológico. Segundo Mariza Corrêa, enquanto a “etnografia parece ficar reservada à definição (cultural) de

ontológica da desigualdade entre as raças brasileiras, entre as quais a *raça negra* e a *raça indígena* seriam muito inferiores à *raça branca*.³² O discurso liberal que garantiria a liberdade individual e a igualdade entre os homens seria, portanto, “mal compreendido, sofismado e anulado nessas longínquas paragens”³³ que eram os sertões brasileiros. Vale acrescentar que *inferior*, no discurso de Nina Rodrigues, significava localizar-se em um ponto anterior da evolução social, na qual o homem branco europeu se encontraria mais avançado. A mistura entre raças distantes entre si, que o médico maranhense chamava de mestiçagem, causaria *degeneração* — a manifestação de características *inferiores* herdadas das raças negra e indígena —, interrompendo, portanto, “o curso natural da evolução social”³⁴. Vendo no Brasil uma maioria de *mestiços*, Rodrigues considerava a miscigenação a principal razão para o que ele percebia como o *atraso* científico e cultural do país. Assim, em grande parte de sua obra o médico debruçou-se sobre a questão da miscigenação ou, mais especificamente, sobre a figura do *mestiço* que, sem unidade antropológica, “traria reflexos diretos ao tema da criminalidade”³⁵.

Segundo Nina Rodrigues, a “população de mestiços” que compunha a “massa popular dirigida por Antônio Conselheiro”³⁶ era predisposta a seguir aquele “anacoreta sombrio” porque haveria nela uma “poderosa influência dos ascendentes selvagens ou bárbaros, índios ou negros”. Nessa população propensa a desvios, Conselheiro teria provocado “um estado delirante coletivo (...) um verdadeiro estado de multidão vesânico”³⁷. Em suma, a população sertaneja,

um grupo humano”, intelectuais como Silvio Romero e Nina Rodrigues parecem referir-se “exclusivamente ao domínio biológico nessa definição”. Mariza Corrêa, *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia criminal*, 2013, p. 41.

³² Lilia Moritz Schwarcz, “Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues”, 2006, p. 47.

³³ Raimundo Nina Rodrigues, *Op. Cit.*, 2006a, p. 50.

³⁴ Como explica Oda, essa teoria da degeneração é tomada de autores franceses como Bénédict Augustin Morel e Valentin Magnan. Este último seria também retomado pelo psiquiatra italiano Cesare Lombroso, outra fonte importante para as teorias de Nina Rodrigues. Ana Maria Galdini Raimundo Oda, “Nina Rodrigues e *A loucura epidêmica de Canudos*”, 2000, p. 140. César Braga-Pinto também lembra que vários livros com *degeneração* no título foram publicados no Brasil nas últimas décadas do século XIX — como, por exemplo, Lucio Joaquim de Oliveira, *Da Degeneração Psychica* (1891) e E. da Rocha Barros, *Estygmata da degeneração psychica* (1893). Cesar Braga-Pinto, “Othello’s Pathologies: Reading Adolfo Caminha with Lombroso”, 2014, p. 152.

³⁵ Lilia Moritz Schwarcz, “Nina Rodrigues: um radical do pessimismo”, 2009, p. 110

³⁶ Raimundo Nina Rodrigues, *Op. Cit.*, 2006a, p. 85.

³⁷ *Ibidem*, 2006a, p. 87.

predisposta a desvios sociais e psíquicos pela degeneração racial, teria encontrado em Antônio Conselheiro e no sertão os meios mais propícios para o desenvolvimento de uma loucura coletiva.

Nina Rodrigues é bastante conhecido por seus trabalhos em antropologia criminal, o que teria levado o próprio psiquiatra italiano Cesare Lombroso a chamá-lo de “apóstolo da antropologia criminal no Novo Mundo”³⁸. Com artigos publicados na Itália e na França,³⁹ Rodrigues foi um dos poucos cientistas sociais brasileiros do século XIX que de fato entraram em diálogo com os teóricos europeus que tanto citavam. Sua obra mais conhecida talvez seja *As raças e as responsabilidades penais no Brasil* (1894), na qual Rodrigues propõe diferentes códigos penais para cada região, onde os distintos *grupos antropológicos* haveriam se misturado de maneiras específicas. Para Rodrigues, o negro e o índio não poderiam ser imputados da mesma maneira que o branco, pois, como grupos antropológicos mais *primitivos*, seriam comparáveis à criança.⁴⁰ Nessa teoria racializada de imputabilidade penal, Nina Rodrigues postula que atávicos e degenerados — não brancos e *mestiços* — não deveriam ser presos, e sim enviados a asilos psiquiátricos.

Degeneração racial e atavismo, para Nina Rodrigues, poderiam ser identificados no corpo humano em medições antropométricas e, sobretudo, craniométricas. O crânio era o *locus* privilegiado de manifestação de características psicológicas e morais, sobretudo a tendência à criminalidade e à loucura. No crânio criminoso e/ou louco o médico legista poderia *ler* anomalias que estariam ausentes no crânio *normal*; anomalias estas que seriam resultado da degeneração racial. Em 1895, Rodrigues já havia publicado uma análise craniométrica de Lucas da Feira, que havia cometido diversos crimes na Bahia. Para o médico maranhense, portanto, era natural realizar o mesmo estudo com o

³⁸ Mariza Corrêa, *Op. Cit.*, 2013, p. 249. Segundo Corrêa, o elogio de Lombroso estaria na dedicatória da edição de 1896 de *L'anthropologie criminelle et ses recentes progrès*.

³⁹ Por exemplo, em 1895 Nina Rodrigues publicou “Nègres criminels au Brésil” no *Archivio di Psiquiatria, Antropologia Criminale e Scienze Penali per Servire allo Studio dell'Uomo Alienato e Delinquente*, editado por Lombroso. Em 1899, publicou também “Métissage, dégénérescence et crime” nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*.

⁴⁰ Raimundo Nina Rodrigues, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2011, p. 60.

crânio de Conselheiro. Como *mestiço*, Conselheiro abrigaria a prova final das manifestações materiais da degeneração racial brasileira.

3. O fracasso

No dia 4 de novembro de 1897 — quase um mês após a descoberta do cadáver de Conselheiro —, Nina Rodrigues enfim abria a caixa que contém o crânio do *louco de Canudos*, levada à Bahia pelo major doutor Miranda Curio. A cavidade cerebral havia sido preenchida com cal.⁴¹ Ali começava o exame que saciaria a curiosidade científica e popular a respeito de Antônio Conselheiro e que proporcionaria um passo adiante na compreensão do fenômeno que já havia atiçado o interesse científico do médico maranhense.

Mas o que encontrou Nina Rodrigues ao medir o crânio de Antônio Maciel? Com quais anomalias se deparou o médico legista, para justificar materialmente o diagnóstico de “delírio sistematizado dos degenerados”⁴² que ele já havia atribuído a Conselheiro? Para a surpresa de Nina Rodrigues, *nada*. O crânio de Conselheiro não continha qualquer anomalia que sinalizasse a degeneração causadora da loucura que a tantos seduziu. Os resultados da medição craniométrica e da análise subsequente foram publicados em 1898 no periódico francês *Annales medico-psychiatriques* como um estudo de caso no artigo “Épidémie de folie religieuse au Brésil”⁴³. Quase podemos escutar o tom de decepção na voz de Nina Rodrigues ao afirmar que o “crânio de Antônio Conselheiro não apresentava nenhuma anomalia que denunciasse traços de degenerescência: é um crânio de mestiço onde se associam caracteres

⁴¹ Como noticiado pelo jornal *A República* (Fortaleza) no dia 6 de novembro de 1897: “Ante-hontem, foi aberta no gabinete de medicina legal a caixa em que estava o craneo de Antônio Conselheiro, trazida pelo major dr. Miranda Curio, achando-se presentes o director do gabinete dr. Nina Rodrigues, o conservador, pharmaceutico Francisco Hermelino Ribeiro, o director da escola dr. Pacifico Pereira, o dr. Juliano Moreira e mais empregados. O craneo foi encontrado envolto em cal e chloreto de calcio estando extrahida toda a massa encephalica, que foi substituida por cal.

O dr. Nina Rodrigues mandou fazer as primeiras lavagens para proceder ao estudo medico legal.”

⁴² Raimundo Nina Rodrigues, “A loucura das multidões”, 2006b, p. 60.

⁴³ Em português, o texto só foi publicado em 1939, na edição que Arthur Ramos publicou da obra idealizada por Rodrigues, *As colectividades anormais*.

antropológicos de raças diferentes”⁴⁴. Para comprovar seu *achado*, o médico apresenta em seguida uma tabela com as medidas *mais importantes* da cabeça de Conselheiro, que inclui medidas craniais (diâmetro vertical e horizontal, diâmetro cerebral total, etc.) e faciais (largura e comprimento do nariz, diâmetro do maxilar inferior, entre outras). Ele então conclui que:

É pois um crânio normal.

Esta conclusão, que está de acordo com as informações recolhidas sobre a história do alienado, confirma o diagnóstico de delírio crônico de evolução sistêmica.

Antônio Conselheiro era realmente muito suspeito de ser degenerado, na sua qualidade de mestiço; por causa disso, e na impossibilidade de examiná-lo diretamente, procuramos com cuidado refazer sua história⁴⁵.

Ao buscar no crânio de Antônio Conselheiro as provas da degeneração racial que o tornaria predisposto à loucura, Nina Rodrigues não as encontrou. Era o fracasso da aproximação materialista da psique humana; um sintoma da mudança que começava a acontecer no campo da antropologia e da psicologia no Brasil, e que já estava em curso na Europa: a morte (após uma breve vida) da craniometria de Broca; assim como da frenologia e da antropologia criminal de Lombroso.

Ao deparar-se com tal impasse, contudo, Nina Rodrigues não abandonou o diagnóstico anterior, tampouco renunciou à tese de que, enquanto *mestiço*, Conselheiro tinha características hereditárias que o tornavam predisposto à vesânia. Como não podia “examiná-lo diretamente”, Nina Rodrigues abandonou o crânio “normal” de Antônio Maciel e voltou-se para o sertão. Numa inversão do movimento anterior de Cunha (de fora para dentro), Rodrigues transferia seu olhar de dentro (o crânio) para fora (o meio), propondo como possível explicação para a *loucura* de Conselheiro — e de Canudos — a infância do líder religioso e o meio onde ele vivera.

Esse momento marca uma virada importante no pensamento de Nina Rodrigues: a emergência de um olhar mais preocupado com os fatores e impactos

⁴⁴ Raimundo Nina Rodrigues, *Op. Cit.*, 2006b, p. 89.

⁴⁵ *Ibidem*, 2006b, p. 90.

sociais no desenvolvimento de condições psíquicas ou na consumação de crimes; ou seja, a influência da escassez e/ou da cultura material no desenvolvimento psíquico do indivíduo. Como argumenta Mariza Corrêa, “quanto mais psicológicas se tornavam as observações de Nina Rodrigues, tanto mais sociológicas se mostram suas análises; mais e mais a loucura, por exemplo, aparece como expressão das relações sociais entre os homens”⁴⁶.

Segundo Nina Rodrigues, corriam duas versões da infância do líder de Canudos: na primeira, Conselheiro teria sido uma criança “indócil, rebelde (...) cruel e animado dos piores sentimentos”⁴⁷. O médico não aceitou essa narrativa, que teria sido encomendada “com o fim de fazer deste louco um tipo de degenerado físico” — tese já refutada pelo próprio crânio. A segunda versão, com a qual Rodrigues concordava, apresenta um Antônio Maciel tranquilo e dócil, “o que está de acordo com o que sabemos relativamente à proteção dispensada, com a morte de seu pai, às suas irmãs, que viveram com ele até se casarem”⁴⁸. De repente, a história de vida de Conselheiro comprovava sua normalidade do ponto de vista degenerativo.

Canudos, portanto, não se explicaria apenas pela loucura de um homem (um *meneur*), mas pelo fenômeno de contágio da loucura coletiva. Para Nina Rodrigues, era improvável que, próximo ao final da guerra, Conselheiro ainda exercesse a função de líder. No período terminal de sua psicose, ele teria se tornado “o ídolo, a divindade; as obras do fanatismo e a luta provocada por ele eram reservadas especialmente à turba, aos sectários”⁴⁹. Mas, nesse caso, o que explicaria a loucura dos seguidores de Conselheiro? Não tanto a hereditariedade (determinismo biológico), mas o meio.

Acreditou-se a princípio que só a disposição hereditária fosse favorável ao contágio da loucura coletiva. Mais tarde foi-se obrigado a ampliar, de muito, os limites primitivamente fixados, incluindo-se na predisposição as causas de esgotamento orgânico, a miséria, as doenças, as intoxicações, os vícios debilitantes, os excessos de toda sorte enfim⁵⁰.

⁴⁶ Mariza Corrêa, *Op. Cit.*, 2013, p. 108.

⁴⁷ Raymundo Nina Rodrigues, *Op. Cit.*, 2006b, p. 90.

⁴⁸ *Ibidem*, 2006b, p. 90.

⁴⁹ *Ibidem*, 2006b, p. 91.

⁵⁰ *Ibidem*, 2006b, p. 99.

O médico maranhense admite a possibilidade de que não é apenas a herança biológica que predispõe o indivíduo à “loucura coletiva,” mas também suas circunstâncias materiais, ou seja, externas ao seu corpo. Quando a materialidade corporal falha, Nina Rodrigues se vê obrigado a recorrer à materialidade ambiental do sertão como explicação etiológica para o fenômeno.

Neste ponto, vale retornar a *Os sertões*, onde Euclides da Cunha enfatiza uma contradição similar entre o determinismo biológico da craniometria e a própria crítica à antropologia criminal, que já circulava no fim do século XIX.⁵¹ Como argumenta Leopoldo Bernucci, *Os sertões* sinaliza não apenas as contradições, mas as aporias entre as teorias científicas europeias e a observação empírica. Se as teorias de degeneração racial e atavismo postulavam o sertanejo como degenerado, Cunha observa no *jagunço* de Canudos “um forte” com aparência de fraco, um “titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos”⁵². Se o autor se mostra, por vezes, adepto das teorias antropométricas e craniométricas do período — como ao sugerir que a ciência encontraria no “relevo de circunvoluções expressivas” do crânio de Conselheiro “as linhas essenciais do crime e da loucura” —, ao mesmo tempo ironiza a utilização exclusiva dessas “fantasias psíquico-geométricas”⁵³ para explicar o fenômeno de Canudos.

Dain Borges segue essa linha argumentativa ao propor que *Os sertões* “trata mais de [questões ligadas às] mentes e multidões do que corpos e populações”⁵⁴. Embora as últimas páginas do livro efetuem uma volta à materialidade, faz sentido pensar que Cunha, como sugere Borges, afasta-se da tese de que o sertanejo é um *degenerado* do ponto de vista da miscigenação. O autor, contudo, não abandona a ideia de degeneração como conceito médico-psiquiátrico “segundo o qual corpo, clima, *milieu*, espírito e moralidade se

⁵¹ Nina Rodrigues cita com frequência Gabriel Tarde e Edward B. Tylor, alguns dos principais críticos da antropologia criminal. Filipe Pinto Monteiro, “O ‘racialista vacilante’: Nina Rodrigues e seus estudos sobre antropologia cultural e psicologia das multidões (1880-1906)”, 2020, p. 196.

⁵² Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 363

⁵³ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 204.

⁵⁴ “[*Os sertões*] deals more with minds and crowds than with bodies and populations”. Dain Borges, “‘Puffy, Ugly, Slothful and Inert’: Degeneration in Brazilian Social Thought, 1880-1940”, 1993, p. 247. Tradução minha.

estabelecem como facetas da ideia de ‘raça’⁵⁵. Em outras palavras, a anormalidade de Conselheiro, para Cunha, era *normal* pelas condições ambientais e materiais de seu entorno físico.

Evitada a intrusão dispensável de um médico, um antropologista encontrá-lo-ia normal [...] O que o primeiro caracterizaria como caso franco de delírio sistematizado, na fase persecutória ou de grandeza, o segundo indicaria como fenômeno de incompatibilidade com as exigências superiores da civilização — um anacronismo palmar, a revivescência de atributos psíquicos remotíssimos⁵⁶.

Sobre este trecho d’*Os sertões*, que, como dito acima, é uma paráfrase do artigo anterior de Nina Rodrigues, Mariza Corrêa afirma que Euclides “parece ter lido melhor os artigos de Nina Rodrigues sobre o tema do que muitos dos seus discípulos”⁵⁷, distinguindo no médico maranhense as duas faces de seu argumento: o diagnóstico psiquiátrico e a avaliação antropológica. Cunha manifesta, n’*Os sertões*, as tensões em jogo naquele momento crucial de transformação da ciência brasileira, metonimizado no pensamento do próprio Nina Rodrigues.

Há um movimento duplo nas obras de Cunha e Nina Rodrigues: do geral (o sertão) ao particular (as medidas craniais) e uma volta ao geral a partir da atenção ao particular — no caso de Rodrigues, a partir da insuficiência hermenêutica do particular; no caso de Cunha, a partir da observação de um massacre. Em Cunha, Bernucci descreve essa tensão como um “mecanismo de combater a aparência com a realidade ou a primeira impressão com o dado empírico”⁵⁸, fruto da linguagem barroca de Cunha, que joga com antíteses e ilusões — o sertanejo que parece fraco mas é forte, por exemplo.⁵⁹ Aparência e realidade também operam no movimento fora-dentro-fora de Nina Rodrigues, na medida em que o crânio de Conselheiro, embora *parecesse* degenerado, era de fato normal. Ao mesmo tempo, embora o crânio *parecesse* normal, Conselheiro era louco. Embora Nina Rodrigues não utilize a mesma retórica barroca de

⁵⁵ “...in which body, climate, milieu, spirit and morality were cofounded as facets of ‘race’”. Dain Borges, *Op. Cit.*, 1992, p. 247. Tradução minha.

⁵⁶ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 254.

⁵⁷ Mariza Corrêa, *Op. Cit.*, 2013, p. 42.

⁵⁸ Leopoldo Bernucci, “Prefácio”, 2002, p. 24.

⁵⁹ Leopoldo Bernucci, *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*, 1995, p. 20.

Cunha, seu estudo do crânio de Conselheiro *literaliza* essa articulação entre aparência e realidade. A ilusão de normalidade apresentada pelo crânio de Conselheiro lembra, por exemplo, a “ilusão de vitória” que a quarta expedição militar experimentou diante da “inopinada quietude do inimigo” no morro da Favela.⁶⁰ Ou, como afirma Borges, Nina Rodrigues deparou-se com um crânio enganosamente normal “assim como os festivais católicos de negros baianos camuflavam crenças fetichistas”, ao ver de do médico legista⁶¹.

4. O meio

Seria uma generalização perigosa afirmar que o movimento geral-particular-geral é comum a toda literatura latino-americana. Sem dúvida, no entanto, poderíamos fazer um paralelo entre, por exemplo, Euclides da Cunha e Domingos Sarmiento, autor do texto fundacional argentino *Facundo, o civilización y barbarie* (1845). Muitos já compararam as duas obras,⁶² mas o que nos interessa aqui é apontar como ambos os autores compartilham a busca por manifestações físicas de características mentais que, por sua vez, seriam (segundo suas perspectivas) compartilhadas pelas populações de seus países em relação à ideia de *civilização*.

Em *Divergent Modernities*, Julio Ramos chama atenção para esse movimento no texto de Sarmiento. Ao analisar uma passagem de *Facundo* em que o autor descreve detalhadamente as características faciais do *caudillo* Juan Facundo Quiroga, Ramos lembra que o escritor e político argentino era entusiasta da frenologia e da anatomia comparada, descrevendo um movimento epistemológico semelhante ao que proponho neste ensaio por parte de Cunha e Nina Rodrigues. Quando Sarmiento afirma, por exemplo, que “a frenologia e a anatomia comparada demonstraram as relações existentes entre as formas

⁶⁰ Euclides da Cunha, *Op. Cit.*, 2002, p. 540-541.

⁶¹ “...just as the Catholic festivals of black Bahians camouflaged fetishist beliefs”. Dain Borges, *Op. Cit.*, 1993, p. 243. Tradução minha.

⁶² Miriam Gárate, *Civilização e barbárie n'os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*, 2001; Leopoldo Bernucci, *Op. Cit.*, 1995, p. 49.

exteriores e as disposições morais”⁶³ antes de descrever a fisionomia de Facundo em extremo detalhe, está recorrendo ao mesmo gesto utilizado por Cunha e Nina Rodrigues. Afirma Ramos:

Do particular ao *tableau vivant*: o procedimento é sistemático e mistura-se com o conceito de biografia que opera na obra de Sarmiento. O individual e o particular têm significado apenas em relação ao Quadro geral, que ao mesmo tempo permite a interpretação do particular⁶⁴.

Tal vai e vem é evidente nos textos de Nina Rodrigues e Cunha, nos quais as tensões entre o materialismo psíquico e a sociologia se fazem presentes na forma da aporia, como já apontou Bernucci. O que nos interessa aqui, contudo, é o lugar da cabeça de Conselheiro nessa aporia. O crânio de Antônio Maciel é a metonímia para o esforço intelectual do período de dar conta da heterogeneidade de uma população em todos os sentidos — racial, linguístico, cultural. Ao não exhibir as manifestações patológicas dessa mesma heterogeneidade, o crânio de Conselheiro fecha-se para a interpretação. O suposto barbarismo de Canudos exige ordenação a partir de outros discursos, como os da sociologia e da psiquiatria.

Ou seja: embora a influência das teorias científicas europeias se explique facilmente nos países da América Latina por seu caráter de subordinação enquanto ex-colônias, absorvendo a produção científica do outro lado do Atlântico, há algo mais nessa busca por uma identidade nacional em medidas craniométricas, em descrições de rostos ou em correlações entre caráter e materialidade corporal. Não há apenas contingência no fato de que Euclides da Cunha, Raimundo Nina Rodrigues e Domingos Sarmiento tenham recorrido a esse olhar em seus trabalhos.

A frenologia, para Sarmiento, cumpre um papel muito semelhante ao que a antropometria e a craniometria cumprem em *Os sertões*. O ambiente (o sertão

⁶³ “La frenología y la anatomía comparada, han demostrado en efecto, las relaciones que existen entre las formas exteriores y las disposiciones Morales”. Domingo Sarmiento, *Facundo*: Edición crítica y documentada, 1938, p. 91. Tradução minha

⁶⁴ “From the particular to the tableau vivant: the proceeding is systematic, and it becomes enmeshed with the very concept of biography that is at work in Sarmiento. The individual, the particular, signifies only in relation to the general picture, which at the same time, makes possible the interpretation of the particular”. Julio Ramos, *Divergent Modernities: Culture and Politics in Nineteenth-century Latin America*, 2001, p. 17. Tradução minha.

ou os pampas, por exemplo) influencia o tipo de povo (*raça*) que ali se estabelece; o que, por sua vez, determina a identidade nacional do país. No entanto, se em *Facundo* a aplicação da frenologia na análise do personagem histórico não tem maiores consequências, o mesmo não acontece com Antônio Conselheiro, Nina Rodrigues e Cunha.⁶⁵ Em seus respectivos jogos de aparência e realidade, ambos os autores põem em questão suas próprias bases racistas.

5. As sobrevidas

Desertada por Nina Rodrigues, a cabeça de Antônio Conselheiro não perdeu a fama. Após o fracasso da análise craniométrica, o crânio passou a ser exibido no gabinete de medicina legal de Nina Rodrigues, mais tarde chamado *Museu Nina Rodrigues*. Como conta o jornal *Minas Geraes*: “Depois de feito este estudo médico-legal sobre o craneo de Antônio Conselheiro, será elle collocado no gabinete daquelle estabelecimento ao lado de Lucas da Feira e de outras celebridades dignas de estudo”⁶⁶. De objeto científico, portanto, o crânio de Antônio Maciel tornou-se celebridade.

A exposição do crânio de Conselheiro para o público, contudo, durou pouco. Em um incidente que parece repetir-se (sempre como farsa) na história do Brasil, um incêndio destruiu quase por completo a Faculdade de Medicina da Bahia em março de 1905, arruinando todo o Museu Nina Rodrigues. “Nessa preciosa e rara secção”, conta o jornal *A Federação*, de Porto Alegre, “organizada proficuamente, meticulosamente pelo notavel cathedratico dr. Nina Rodrigues, o fogo destruiu as cabeças de Antônio Conselheiro e do Leonidia e o fêmur de Lucas da Feira”⁶⁷.

⁶⁵ Vale lembrar que as ciências antropométricas adentraram também os espaços institucionais latino-americanos. Polícias das cidades mais importantes da Argentina, Uruguai, México, Chile, Peru, Equador e Brasil operaram gabinetes antropométricos, inspirados nos gabinetes de identificação da polícia parisiense desenvolvidos por Alphonse Bertillon. O gabinete antropométrico da polícia carioca funcionou de 1894 até 1903. Mercedes García Ferrari e Diego Galeano, “Polícia, antropometria e datiloscopia: história transnacional dos sistemas de identificação, do rio da Prata ao Brasil”, 2016, p. 172-173.

⁶⁶ *Minas Geraes*, 29 de outubro de 1897, p. 4.

⁶⁷ *A Federação* (Porto Alegre), 18 de março de 1905, p. 1.

Reduzido a cinzas, o crânio de Antônio Conselheiro ganhou uma sobrevida, no entanto, por meio da reprodução mimética. Em 1997, cem anos depois do massacre de milhares de pessoas cometido pelo governo do então presidente Prudente de Moraes, chegou aos cinemas o filme *Guerra de Canudos*, um melodrama dirigido por Sérgio Rezende e estrelado por um elenco *global* (José Wilker, Cláudia Abreu, Paulo Betti, Marieta Severo). Ao final do filme, soldados do general Artur Oscar de Andrade Guimarães estão prestes a voltar para suas cidades quando param em frente a uma casa. Ali se encontram dois homens — um deles, cumprimentado pelo general como “o nosso jornalista”, é sem dúvida Euclides da Cunha —, que lhes perguntam: “Quer dizer que o pesadelo acabou, não é mesmo, general?” Como resposta, Oscar de Andrade pede a um sargento que “mostre a eles”. O sargento saca de um barril de lata a cabeça de Antônio Conselheiro, para mostrá-la como *prova* (Figura 2).



Figura 2
Sérgio Rezende, *Guerra de Canudos*, 1997.

É uma cabeça mumificada, horrenda e hedionda, talvez inspirada tanto no registro fotográfico de Flávio de Barros como na descrição de Cunha. Se Cunha havia gradualmente destituído a cabeça de Conselheiro de qualquer

subjetividade, transformando-a em crânio, ela agora volta a ser cabeça, embora simulacro. A cabeça de Conselheiro utilizada no filme, mimese da mimese, hoje encontra-se no Memorial Antônio Conselheiro, situado no Parque Estadual de Canudos (Figura 3).⁶⁸



Figura 3

RTV Caating Univasf, *Réplica da cabeça de Antônio Conselheiro utilizada no filme "Guerra de Canudos" de Sérgio Rezende, 2018.*

O fracasso da craniometria na busca por evidências físicas da degeneração racial, contudo, não significou o fim da antropologia física nem da aproximação biológica ou quantitativa da diversidade humana. Cientistas não pararam de utilizar medidas craniais, faciais e corporais para quantificar e determinar as raças humanas. Como lembra Iris Clever, há um “interesse persistente no estudo determinista das raças humanas tanto do ponto de vista tipológico como biológico”⁶⁹. Afinal, vivemos hoje em meio a uma explosão da quantificação racial por meio das tecnologias biométricas (como as tecnologias de reconhecimento facial). Imbuídas de um pretenso objetivismo — como também eram as medições

⁶⁸ Uma reportagem da RTV Caatinga Univasf de 17 de julho de 2018 explica que a réplica se encontra na biblioteca do Memorial. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5Q_DdP1KH9g. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁶⁹ Iris Clever, "Quantifying Race: How Numbers Divide Us" (apresentação oral), 2021.

craniométricas de Nina Rodrigues —, essas tecnologias reproduzem preconceitos e estereótipos raciais que aprofundam a marginalização de minorias.⁷⁰ O que se propõe aqui não é apenas a análise histórica do fracasso, ainda que momentâneo, do chamado racismo científico em sua vertente craniométrica, mas também o convite para um exame crítico do pretense objetivismo das tecnologias biométricas contemporâneas.

Referências

A VICTORIA de Canudos. *Minas Geraes*, Ouro Preto, 29 de outubro de 1897, p. 4.

BAHIA, 11. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1897, p. 2.

BARP, Ediana. *A introdução da radiologia na Bahia: das primeiras lições na faculdade de medicina à criação de uma disciplina (1897-1974)*. 2006. 98f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

BERNUCCI, Leopoldo. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EdUSP, 1995.

BERNUCCI, Leopoldo M. Prefácio. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BORGES, Dain. ‘Puffy, Ugly, Slothful and Inert’: Degeneration in Brazilian Social Thought, 1880-1940. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, v. 25, n. 2, p. 235-256, maio 1993.

BRAGA-PINTO, César. Othello’s Pathologies: Reading Adolfo Caminha with Lombroso. *Comparative Literature*, Durham, v. 66, n. 2, p. 149-172, jun. 2014.

⁷⁰ Shoshana Amielle Magnet, *When Biometrics Fail: Gender, Race, and the Technology of Identity*, 2011, p. 1-19.

BRIZUELA, Natalia. "CURIOSITY! WONDER!! HORROR!!! MISERY!!!!" The Campanha de Canudos, or the Photography or History. *Qui Parle*, Berkeley, v. 15, n. 2, p. 139-169, jan. 2005.

CHRONICA. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1897, p. 1.

CLEVER, Iris. *Quantifying Race: How Numbers Divide Us*. Apresentação na Universidade de Chicago, 22 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Su3V6jcwTCQ&t=7s>. Acesso em: 20 de março, 2021.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the Nineteenth Century*. Cambridge: MIT Press, 1990.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

FERRARI, Mercedes García; GALEANO, Diego. Polícia, antropometria e datiloscopia: história transnacional dos sistemas de identificação, do rio da Prata ao Brasil. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, supl.1, p.171-194, dez. 2016.

GÁRATE, Miriam. *Civilização e barbárie n'os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. São Paulo: Fapesp, 2001.

GRANDE catástrofe: Faculdade da Bahia (Conclusão). *A Federação*, Porto Alegre, 18 de março de 1905, p. 1.

MAGNET, Shoshana Amielle. *When Biometrics Fail: Gender, Race, and the Technology of Identity*. Durham: Duke University Press, 2011.

MEMÓRIA Sertão Memorial Antônio Conselheiro. RTV Caatinga Univasf, 2018. 1 vídeo (4:28 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5Q_DdP1KH9g. Acesso em: 15 mar. 2021.

MONTEIRO, Filipe Pinto. O “racialista vacilante”: Nina Rodrigues e seus estudos sobre antropologia cultural e psicologia das multidões (1880-1906). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 43, p. 193-215, jan./abr. 2020.

NINA RODRIGUES, Raimundo. A loucura epidêmica de Canudos. *In*: NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, 2006a.

NINA RODRIGUES, Raimundo. A loucura das multidões. *In*: NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, 2006b.

NINA RODRIGUES, Raimundo. A abasia coreiforme epidêmica no Norte do Brasil. *In*: NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, 2006c.

NINA RODRIGUES, Raimundo. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.

O CRANEO de Antonio Conselheiro. *A República*, Fortaleza, 6 de novembro de 1897, s. p.

O CRANEO de Conselheiro. *A República*, Natal, 28 de outubro de 1897, p. 2.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Nina Rodrigues e *A loucura epidêmica de Canudos*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 139-144, jun. 2000.

RAMOS, Arthur. Prefácio. *In*: NINA RODRIGUES, Raimundo. *As colectividades anormais*. Brasília: Senado Federal, 2006.

RAMOS, Julio. *Divergent Modernities: Culture and Politics in Nineteenth-Century Latin America*. Durham: Duke University Press, 2001.

SÁ, Guilherme José da Silva e; SANTOS, Ricardo Ventura; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; SILVA, Elizabeth Christina da. Crânios, corpos e medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu

Nacional na passagem do século XIX para o XX. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.197-208, mar. 2008.

SÁ-CARVALHO, Carolina. How to See a Scar: Humanitarianism and Colonial Iconography in the Putumayo Rubber Boom. *Journal of Latin American Cultural Studies*, London, v. 27, n. 3, p. 371-397, mar. 2018.

SARMIENTO, Domingo. *Facundo*: Edición crítica y documentada. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1938.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Antropologia Criminal e mestiçagem na obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 76, supl. 2, p. 47-53, 2006.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Nina Rodrigues: um radical do pessimismo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz (orgs.). *Um enigma chamado Brasil*: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Referência para citação deste artigo

FRAGA, Isabela. O crânio-celebridade: Antônio Conselheiro e o fracasso da degeneração racial. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 43 – 68, maio de 2021.